

Va'mbora, va'mbora, tá na hora, va'mbora. As eleições municipais de 2004 ao som do Jornal da Manhã¹

Verónica Aravena Cortes- Faculdade de Jornalismo, Universidade Metodista de São Paulo²

Sônia da Câmara dos Santos Valois- Faculdade de Jornalismo, Universidade Metodista de São Paulo³

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo sobre a cobertura das eleições do município de São Paulo de 2004, realizada pelo programa Jornal da Manhã da Rádio Jovem Pan. Acompanhamos as representações veiculadas acerca dos quatro principais concorrentes, bem como a imagem do Partido dos Trabalhadores, legenda do presidente da República, e da candidata situacionista. O programa é um dos mais tradicionais noticiários do rádio paulistano, apresenta uma penetração não só local, mas nacional, sendo um dos mais ouvidos em São Paulo no horário.

Palavras-chave

Jovem Pan; Jornal da Manhã; eleições 2004, São Paulo

Introdução

Este trabalho apresenta uma análise da cobertura do Jornal da Manhã (JM) da Rádio Jovem Pan das eleições municipais de São Paulo em 2004. O rádio é uma mídia de ampla penetração, estando presente em quase a totalidade dos lares do país, acompanhando as pessoas, a caminho do trabalho ou escolar, nas tarefas e no estudo, no entanto, tem sido pouco estudado.

Os principais candidatos na disputa em 2004 foram Marta Suplicy, do PT, o partido do presidente da República, candidata à reeleição, e José Serra do PSDB, que enfrentou Luis Inácio Lula da Silva no segundo turno do pleito presidencial de 2002. Concorriam também Paulo Maluf, do PP, e Luiza Erundina, do PSB, entre outros candidatos sem maior expressão.

O JM realizou uma ampla cobertura das eleições municipais de São Paulo em 2004. A Rádio Jovem Pan difundiu para o país uma eleição que, a princípio, seria de interesse local, todavia, a disputa pela prefeitura de São Paulo surgia como ante-sala do

¹ Trabalho apresentado ao **NP 01 – Teorias da Comunicação, do V Encontro** dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² A autora é doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo, atualmente é professora de Sociologia e Teoria Política no curso de Jornalismo e coordenadora da pesquisa **Mídia, Espaço Público e Democracia**, na Universidade Metodista de São Paulo. Cabe dizer que esta pesquisa foi realizada contando com um Auxílio à pesquisa concedido pela FAPESP.

³ A autora é aluna do curso de Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo e pesquisadora de iniciação científica do grupo **Mídia, Espaço Público e Democracia**, na Universidade Metodista de São Paulo.

pleito presidencial de 2006, uma vez que os principais candidatos realçavam a contenda entre os dois grandes partidos da cena política do país.

Esta pesquisa sobre a cobertura das eleições municipais no Jornal da Manhã foi realizada a partir de uma amostra coletada entre os meses de julho e outubro de 2004. As gravações do JM foram feitas durante a segunda semana de cada mês. Ao todo foram 20 edições que renderam 90 horas de gravação, uma vez que cada edição tem 4 horas e 30 minutos de duração, iniciando às 5h e finalizando às 9h30.

Em sua cobertura das eleições municipais o JM criou uma editoria especial para o tema, mobilizou profissionais e promoveu diversas enquêtes. Explorou a interatividade e imediatismo que o rádio oferece. Enfrentou disputas judiciais com o Partido dos Trabalhadores por causa da veiculação das enquêtes sobre a intenção de voto, as quais ganhou. Neste artigo nos restringiremos a abordar as representações veiculadas acerca dos principais candidatos, deixando de lado a interatividade (as falas do ouvinte), as enquêtes polêmicas e outros tantos temas que foram abordados na pesquisa.

1. O Jornal da Manhã da Jovem Pan

As emissoras radiojornalísticas eminentemente jornalísticas são poucas. Na grande São Paulo temos a CNB – AM (780)/FM (90,5), Eldorado – AM (700)/FM (92,9), Bandeirantes AM (840)/FM (90,9), Band News FM (96,9) e Jovem Pan AM (620). As demais emissoras da capital paulista, cerca de 70, e outras da grande São Paulo apenas agregam informação jornalística à grade de programação, como não a produzem, não podem ser consideradas jornalísticas.

A Rádio Jovem já completou 61 anos de existência. É a mais tradicional rádio de São Paulo e foi inaugurada, com o nome Rádio Panamericana S. A. por Oduvaldo Vianna e Júlio Cosi que obtiveram a concessão do presidente Getúlio Vargas. Em novembro de 1944, a emissora é comprada pelo Doutor Paulo Machado de Carvalho e passa a integrar o Grupo das Emissoras Unidas. (Faria, 2002,142-143)

No final dos anos 60, a emissora buscou suprir a lacuna existente no espaço da informação radiofônica, criando a Jovem Pan (Porchat, 1993, 18). Assim, entre 1970 e 1972, começaram a surgir os programas jornalísticos “Equipe Sete e Trinta”, “Jornal da Integração Nacional” e finalmente o “Jornal da Manhã”. Com o Jornal da Integração transmitido via Embratel, a Jovem Pan inaugura a transmissão de

um noticiário interligado, explica José Carlos Pereira da Silva, diretor de jornalismo e vice-presidente da emissora:

“No Jornal da Integração Nacional em 1972, a Jovem Pan unia vários pontos do país, com informações do Rio de Janeiro, Natal, Manaus, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Brasília. Historicamente, quando a Jovem Pan decidiu fazer esse jornal, tinha o objetivo de buscar identidade nacional num país continente. Esse jornal representou um avanço em relação ao próprio futuro da comunicação. Nisso também a Jovem Pan foi pioneira” (Faria, 2002, 28)

A Jovem Pan se situa como uma emissora prestadora de serviço. Tem históricas coberturas dos acontecimentos do país, como o movimento Diretas Já, o impeachment do ex-presidente Fernando Collor, os incêndios nos edifícios Andraus e Joelma. (Faria, 2002,29).

2. As eleições no JM

A Rádio Jovem Pan criou no Jornal da Manhã uma editoria especial para a cobertura das eleições, sua vinheta de abertura dizia “*Eleições 2004 na Jovem Pan, a cobertura total das eleições municipais*”. Neste quadro transmitiu notas, reportagens, boletins com informações e notícias sobre os candidatos, dados sobre pesquisas de intenção de voto e comentários sobre as eleições.

Os candidatos dos partidos pequenos, também chamados de nanicos, quase não tiveram espaço no Jornal da Manhã, das 20 edições analisadas apareceram apenas nove vezes, sendo que, em nenhuma delas em formato de reportagem, ou seja, o ouvinte sequer ouviu suas vozes.

A contagem da frequência dos candidatos no período estudado foi feita com base nos formatos da notícia: manchete, nota, edição, boletim, reportagem e nos comentários. Durante o período da gravação da amostra não houve nenhuma entrevista com candidatos⁴. Assim, mesmo que aproximadamente, nossos dados quantitativos retratam o espaço que o Jornal da Manhã concedeu aos candidatos.

Cabe explicar o que se entende pelos formatos de notícias. *Manchete*: uma ou duas frases com efeito de título. Serve para anunciar que a notícia é um destaque e será transmitida no decorrer do programa; *Nota*: texto lido pelo locutor sem sonora (a voz)

⁴ É importante considerar que se tratando de rádio, o número de ocorrência das notícias não mostra com exatidão o espaço destinado aos candidatos. Por exemplo, uma manchete poder ter sete segundos, enquanto uma reportagem pode ter três minutos, sendo assim, mesmo que o candidato seja citado em várias manchetes, se comparado a um candidato citado em uma reportagem, ainda ocupa menos tempo na edição do jornal. Isso justifica os motivos pelos quais separamos as notícias em formato. Vale lembrar que as manchetes, chamadas pelos locutores de “manchetes de destaque” são repetidas algumas vezes durante a mesma edição, com isso, optamos por contar cada uma das vezes que apareceram.

do entrevistado; *Edição*: texto lido pelo locutor com a “edição” de sonora; *Boletim*: texto narrado pelo repórter, gravado ou ao vivo, sem sonora; *Reportagem*: também conhecida como “matéria”, texto produzido e narrado pelo repórter que contém sonora. *Comentário*: texto falado pelo comentarista gravado ou ao vivo, em que aparece opinião.

Pela contagem pode-se notar que Marta Suplicy foi a candidata que mais apareceu no JM, José Serra e Paulo Maluf estiveram muito próximos. Em número de reportagens os três estiveram emparelhados (15 em média). Já Luiza Erundina obteve significativamente menos reportagens (5), nenhuma manchete e apenas espaço em boletins e notas.

Tabela 1 – Frequência dos candidatos nos meses de julho a Outubro de 2004

	José Serra	Marta Suplicy	Paulo Maluf	Luiza Erundina	Outros
Manchete	22	27	25	0	0
Nota	17	27	12	4	9
Edição	0	1	1	0	0
Boletim	5	8	4	5	0
Reportagem	14	15	16	5	0
Comentário	0	3	1	0	0
Total	58	81	59	14	9

José Serra esteve na liderança das pesquisas de intenção de voto e saiu vitorioso das urnas, mas ocupou praticamente o mesmo espaço que Paulo Maluf em números de ocorrências, de acordo com nossos dados.

Em linhas gerais pode-se notar que no pleito, José Serra, foi representado como tendo equilíbrio e compostura, Paulo Maluf recebeu a imagem de político veterano e persistente, buscando conquistar votos entre os setores populares. Marta Suplicy, ganhou uma imagem agressiva centrada no ataque.

2.1. Marta Suplicy

A candidata e então prefeita da cidade Marta Suplicy ocupou o maior espaço no Jornal da Manhã no período da nossa amostra. A proeminência da candidata do PT é

entendível, uma vez que ela estava à frente do governo municipal e pertencia à mesma legenda que o presidente da República.

Houve um litígio entre a administração municipal e a rádio. O PT entrou na justiça procurando barrar a enquêta do programa que perguntava ao ouvinte sua intenção de voto. A declaração era colocada no ar junto com suas impressões do candidato e/ou suas motivações. O PT julgou que o programa estava sendo tendencioso, pois pela enquêta, ninguém votava na Marta. A justiça eleitoral decidiu que a enquêta poderia ser realizada, no entanto, apenas poderia ser veiculado o nome da escolha, sem as motivações.

Marta Suplicy foi apresentada com uma imagem agressiva em sua campanha eleitoral sendo mostrada numa posição de ataque, como podemos observar nas notas transmitidas no dia 13 de julho *“Prefeita Marta Suplicy inicia troca de farpas com José Serra e diz que candidatura tucana é de baixo nível”* e *“Candidatos Paulo Maluf e Marta Suplicy iniciam a segunda semana da campanha atacando tucano José Serra”*.

Mesmo recebendo críticas dos adversários, ao se defender, Marta Suplicy foi colocada em atitude de ataque no JM, o que pode ser observado na nota emitida no dia 16 de julho *“Candidato a vice de Marta ataca tucanos que criticam os CEUs da prefeita dizendo que são obras caras”*. Ora, se o trabalho da prefeita foi criticado, seu candidato a vice não ‘ataca’, mas rebate à crítica.

Nêumane em 9 de julho comentou um levantamento feito pelo jornal **O Estado de S.Paulo** sobre as contas dos municípios, o qual mostrou que com exceção de São Paulo, os futuros prefeitos receberão seus municípios em melhores condições financeiras do que seus antecessores. Na capital paulistana, o endividamento atingira o dobro do limite legal permitido pela Lei e Responsabilidade Fiscal. Nêumane explica:

“Ou seja, a senhora Marta Suplicy não quer mesmo saber de repetir a receita Mário Covas, de repetir a receita dos outros prefeitos e não sabe porque que anda tão mal nas pesquisas de opinião. A final de contas, ela no mínimo administrou de forma irresponsável as finanças municipais, e contar agora com a boa vontade do governo, mesmo sendo o governo federal o governo do seu partido e um governo que tem conduzido essa questão da forma mais responsável possível não uma atitude propriamente sensata. Aliás, em matéria de sensatez a prefeita de São Paulo não tem sido assim a campeã mundial, tá certo?”

Em 12 de agosto Carlos Chagas abordou as supostas pretensões políticas de Marta Suplicy em seu comentário sobre as eleições para o governo de São Paulo em 2006:

“Marta Suplicy quer fazer da reeleição na prefeitura de São Paulo um trampolim para pular do Ibirapuera para o Bandeirantes, por isso fincou o pé na indicação de Rui Falcão para vice, rejeitando Michel Temer e a aliança com o PMDB, que lhe daria certamente mais solidez na candidatura, mesmo assim ela precisa primeiro reeleger-se e depois pensar no governo de São Paulo.”

Ao fazermos uma análise de 5 dias seguidos por mês, se percebem as idas e vindas das argumentações dos candidatos. O Jornal da Manhã abordou as contradições de Marta Suplicy. De acordo com a reportagem transmitida no dia 14 de setembro, ela rejeita apoio de outros candidatos: “*Prefeita Marta Suplicy diz que não irá procurar os candidatos Paulo Maluf e Luiza Erundina num eventual segundo turno contra o tucano José Serra*”. No entanto, na reportagem do dia seguinte Marta Suplicy afirma que num eventual segundo turno não procuraria Maluf, mas aceitaria Luiza Erundina em seu palanque. Já no dia 16 de setembro, o JM mostra outra perspectiva: “*Prefeita Marta Suplicy diz que quer todo mundo em seu palanque num eventual segundo turno contra o candidato José Serra*”. Na reportagem, Marta Suplicy declarou que quer todos em seu palanque, pois representam eleitores e citou Paulo Maluf, Michel Temer e Luiza Erundina.

Outro tema recorrente foi a dívida do município, um problema que não havia surgido na administração petista, mas que em diversos momentos surgiu como elemento desabonador da gestão Marta Suplicy, como se pode notar nas notas de 12 de julho “*A prefeita de São Paulo Marta Suplicy afirmou ontem que vai repactuar a dívida de São Paulo com o presidente Luis Inácio Lula da Silva após as eleições*” e “*Futuros prefeitos devem receber cidades em melhores condições financeiras que seus antecessores, a exceção é de São Paulo*”. De acordo com a nota, São Paulo à época liderava o ranking de endividamento per capita do país, num total de 26 bilhões de reais. No ano de 2003, a dívida cresceu 245% da receita, o dobro do limite legal.

No segundo turno, Marta Suplicy já estava em desvantagem com relação ao seu concorrente. Os números do Datafolha marcavam 51% para José Serra e 38% para Marta Suplicy, de acordo com nota transmitida no dia 12 de outubro. Contudo, no mesmo dia, foi ao ar no Jornal da Manhã uma nota sobre a aprovação do governo de Marta Suplicy: “*Governo de Marta Suplicy atinge maior taxa de aprovação a três semanas do 2º turno das eleições municipais*”. A nota explica que 48% dos paulistanos consideravam a administração de Marta ótima e boa, sendo o segundo maior índice de satisfação obtido por um prefeito em final de mandato na cidade de São Paulo, e que só esteve atrás do prefeito Paulo Maluf em 1996. Mas, de acordo com a nota, O resultado

não seria revertido imediatamente em votos para a candidata à reeleição. O JM não explicou este paradoxo, como um candidato com tal aprovação não consegue transformar isto em votos.

As ações de Marta Suplicy para conquistar o eleitorado no segundo turno também foram observadas pelo Jornal da Manhã. Um destaque é a nota de 12 de outubro que aponta a visita a espaços de um de seus contrincantes “*A vinte dias das eleições, a prefeita Marta Suplicy anuncia o fim da taxa dos motoboys*”. Na reportagem do mesmo dia: “*Em reduto malufista, Marta Suplicy anuncia proposta do ex-prefeito de extinção da taxa de motoboy*”. Marta explica a proposta: “Olha é... realmente era promessa dele, mas nós vimos uma demanda por parte dos motoboys antes disso, e era uma demanda que não podia ser atendida antes sem uma análise muito cuidadosa...”

No dia 15 de outubro, o JM transmitiu uma reportagem sobre o debate ocorrido no dia anterior entre Marta Suplicy e José Serra. O debate organizado pela TV bandeirantes foi noticiado com o seguinte texto de abertura: “*Em debate tenso, Marta Suplicy parte definitivamente para o ataque, o tucano José Serra responde, o foco da discussão virou um cabo de guerra, a petista puxando para os assuntos federais e o tucano querendo falar da cidade*”.

No texto da reportagem, a expressão “*ataque*” foi utilizada para fazer referência à candidata em seis ocasiões. Enquanto a expressão associada ao contrincante foi: “*José Serra revidava*”. Nota-se que Marta Suplicy foi representada como tendo um posicionamento agressivo e inseguro. A reportagem foi encerrada com as frases: “*Se nos dois primeiros blocos a prefeita gaguejou e confundiu sílabas, engatou nos ataques dos dois seguintes. As considerações finais foram encerradas com voz embargada. José Serra não variou muito o tom. Subiu poucas vezes a voz para se defender de ataques e tentou falar o tempo todo de taxas municipais, cortes no orçamento e da saúde*”. O texto transmitiu, além de uma imagem de agressividade e de insegurança, uma falta de preparo da candidata petista.

2.2. José Serra

José Serra, foi representado em sua campanha eleitoral como uma pessoa preparada, equilibrada, pacífica e preocupada com as questões administrativas do município. Em lugar de embates emocionais preferia debates técnicos. Esta era sua terceira disputa ao cargo de prefeito de São Paulo, tendo perdido em 1996 e 1996. Candidato derrotado por Lula nas eleições presidenciais de 2002, no entanto, dos 33

milhões de votos obtidos por Serra no segundo turno das eleições de 2002, 2,9 milhões vieram do eleitorado paulistano. Esse dado expõe a grande aprovação a Serra na capital.

Embora tenha sido candidato vitorioso, não foi o candidato que apresentou o maior número de ocorrências no Jornal da Manhã. José Serra foi retratado como buscando manter o equilíbrio ou compostura em sua campanha, conforme a nota do dia 13 de julho *“Tucano José Serra diz que não responderá a ataque da prefeita Marta Suplicy”*. Serra, diante da afirmação de Marta – “Serra não entende nada das finanças em São Paulo” – disse apenas que estranharia se a prefeita dissesse o contrário. Contudo o revide ficou por conta dos correligionários. Romeu Tuma do PFL comentou a promessa de negociar a dívida feita por Marta Suplicy, dizendo que “os senadores não vão aceitar porque o Senado não é casa da sogra”.

As notas transmitidas pelo Jornal da Manhã, respectivamente nos dias 13 e 15 de julho, representam José Serra como uma figura responsável com as finanças e que não cederá ao ímpeto eleitoreiro de fazer promessas para conquistar votos: *“Candidato do PSDB a prefeitura de São Paulo afirmou nesta segunda-feira que é preciso uma política de austeridade para reduzir a dívida do município”* e *“O candidato tucano à prefeitura de São Paulo, José Serra afirmou estar preocupado com o déficit do orçamento da prefeitura em 2003, que foi de 600 milhões de reais, segundo análise do Tribunal de Contas do município”*. A preocupação com as finanças do município, certamente apresenta uma crítica à gestão petista da prefeitura, se há déficit, certamente quem está no cargo não sabe administrar, e ele se situa como quem poder dar uma resposta aos problemas.

A imagem de candidato pacífico pode ser observada na nota transmitida no dia 15 de julho: *“E o candidato José Serra prefere não responder às acusações feitas pelo ex-prefeito Paulo Maluf”*, de acordo com a nota Paulo Maluf havia declarado que o *“Ministério Público trabalha para o candidato tucano”*, fazendo uma referência às acusações feitas pelo Ministério Público sobre seu envio de dinheiro para supostas contas na Suíça.

Cabe observar que se bem José Serra foi representado no JM com uma imagem pacífica, isso não significa que sua campanha não tenha investido contra seus adversários, em especial, sua principal oponente, a petista Marta Suplicy. Mas o fez sempre indiretamente, por meio de correligionários foram muitas as censuras e ataques direcionados a Marta: criticou questões como saúde, transporte, dívida pública, entre

outros. A reportagem transmitida pelo jornal no dia 12 de agosto apresenta a visão de José Serra sobre as falhas na política de saúde da administração petista:

“Saúde não pode ser prioridade na undécima hora, quando já não dá mais tempo, né? na verdade a saúde foi deixada de lado durante quatro anos, marginalizada, sem ser prioridade e nós estamos vivendo hoje essa situação aflitiva em matéria de saúde, e quem diz isso não sou eu, são as pessoas que a gente conversa na rua, por toda São Paulo. Na verdade, saúde ficou pra trás e nós vamos recuperar saúde na cidade, agora, pode tá certo que... promessas de última hora não vão resolver, a saúde precisa planejamento, precisa ficar fora do loteamento político que é feito, precisa mais recursos, precisa ser prioritário”.

As críticas de José Serra também se dirigiram a Paulo Maluf. Em reportagem no dia 14 de setembro, o candidato reprovou “o que considera falta de planejamento dos últimos prefeitos da cidade” fazendo uma referência a seus contrincantes Paulo Maluf e Marta Suplicy, que “deixaram as principais realizações para o final do mandato”.

Apesar das críticas, o JM mostra um candidato racional -sua contrincante é apresentada como emocional- que evita baixarias: “Serra fugiu do bate-boca e evitou comentar as declarações de Luis Favre”. Contudo, a resposta veio através do deputado estadual de seu partido, Walter Feldman, no próprio JM:

“A Maria Antonieta a todo momento fazia manifestações equivocadas, é, equívocos da interpretação da realidade. É exatamente em posição, guardada as diferenças de sexo semelhantes. É alguém que está fora do processo político e faz considerações políticas, o Favre até pela mãe... pela vida francesa que teve tem conhecimento dessa fase da pré revolução francesa e, portanto deveria tomar todo cuidado”.

Walter Feldman comparou Luis Favre à Maria Antonieta, rainha da França no período da Revolução Francesa, conhecida por sua alienação política e principalmente por ter sugerido ao povo faminto que comesse brioques, já que não havia pão.

Nas pesquisas de intenção de voto, José Serra esteve tecnicamente empatado com Marta Suplicy em setembro. De acordo com dados do Ibope, marcou 36% das intenções de voto, enquanto Marta Suplicy estava com 34%. No entanto o candidato do PSDB chegou ao segundo turno com 7,74 pontos percentuais à frente.

A vitória de Serra já estava prevista na disputa do segundo turno, de acordo com as pesquisas de intenção de voto, conforme podemos observar nas notas transmitidas nos dias 11 e 12 de outubro: *‘Primeira pesquisa Datafolha sobre o 2º turno em São Paulo aponta 51% para José Serra e 39% para Marta Suplicy’* e *“Pesquisa Ibope confirma liderança de José Serra na eleição para prefeitura de São Paulo”*. José Serra venceu a eleição com 54,86% dos votos válidos.

O JM deu espaço às propostas do candidato entre elas, a reativação do QUALIS, antigo programa de saúde do ex-governador Mario Covas, e a instalação de placas de isolamento ao longo do elevado Costa e Silva, o “minhocão”, para minimizar o barulho. Além disso, afirmou que se fosse eleito, cumpriria os quatro anos de mandato da prefeitura e não deixaria o cargo para disputar as eleições presidenciais em 2006.

José Serra iniciou sua campanha para o segundo turno com a segurança de quem está na frente. Em reportagem veiculada pelo jornal no dia 11 de outubro, primeiro dia de coleta da nossa amostra para o segundo turno, podemos observar que “a coordenação da campanha tucana está tranqüila com a diferença de 12 pontos percentuais apontada pela pesquisa do segundo turno”. A reportagem também se refere ao outdoor de fundo azul colocado por José Serra com a mensagem “Agora é Serra”, em uma referência ao slogan campanha de Lula em 2002, quando foi derrotado no segundo turno.

No fim da campanha, José Serra continuou na posição de ‘contra-ataque’ de acordo com o JM, ou seja, só revidava quando era atacado primeiro. Na manchete sobre o debate vemos “*Em debate tenso, Marta Suplicy parte para o ataque contra José Serra que responde. Os dois candidatos protagonizaram um cabo de guerra, o tucano queria falar de assuntos da cidade e a petista queria assuntos federais em pauta*”. (15/10) Na guerra eleitoral, Serra foi colocado como o candidato do equilíbrio, da compostura e da razão.

2.3. Paulo Maluf

Paulo Maluf, um político marcante na história de São Paulo, ganhou destaque no Jornal da Manhã, comparável em números ao de José Serra. Maluf recebeu uma representação de político popular, em campanha foi à ambientes populares, além de determinado, uma vez que ao invés de se decepcionar com a sua posição no ranking das pesquisas, questiona os resultados que lhe são adversos. Paulo Maluf foi governador de São Paulo entre 1979 e 1982 e prefeito da cidade em duas ocasiões. Suas administrações carregam a sombra da corrupção. Paulo Maluf enfrentou, no período, denúncias da Polícia Federal e do Ministério Público. Foram elas: peculato, sonegação, evasão de divisas e lavagem de dinheiro, notícia que mereceu manchetes de destaque no JM no dia 13 de outubro.

No dia 15 de julho, o Jornal da Manhã transmitiu a reportagem: “*Laudos de peritos da Academia de Polícia da Unicamp apontam assinatura de Paulo Maluf em documentos enviados a Banco da Suíça*”. Em sua defesa, Paulo Maluf argumentou: “a

letra não é minha, eu não assinei". Maluf negou ter assinado o documento que, segundo peritos, seria a prova de acusações de desvio de dinheiro para paraísos fiscais e para bancos da Suíça.

Nas pesquisas de intenção de voto, Paulo Maluf apareceu em terceiro lugar, mas o candidato não aceitou os resultados. Na reportagem de 13 de setembro: *"Candidato Paulo Maluf questiona resultado da pesquisa Datafolha que aponta uma queda das intenções de voto em sua candidatura"*. Maluf contestou o resultado da pesquisa lembrando o exemplo da eleição de 1985, quando as pesquisas de boca de urna apontavam Fernando Henrique Cardoso e, no entanto, Jânio Quadros saiu vencedor. E ainda afirmou: *"Sabe..., eu não quero dizer que os institutos não são honestos, muito ao contrário, a credibilidade deles é acertar a pesquisa, mas os institutos fazem a pesquisa com seres humanos, seres humanos erram. O Datafolha já errou, o Ibope errou muitas vezes"*. Como se vê, o candidato sugere desde a desonestidade do instrumento ao erro humano.

O apoio de Paulo Maluf no segundo turno das eleições foi manchete no Jornal da Manhã nos dias 13, 14 e 15 de outubro. Maluf suspendeu o apoio à candidatura de Marta Suplicy devido às acusações feitas pela Polícia Federal, conforme podemos observar na manchete: *"Maluf diz ser vítima da armadilha dos tucanos e deixa em suspenso o apoio a candidatura de Marta Suplicy"*. Contudo dois dias depois, em 15 de outubro, anunciou seu apoio à petista: *"Em nota de sete linhas, Paulo Maluf anuncia apoio à prefeita Marta Suplicy e ataca José Serra"*.

2.4. Luiza Erundina

A candidata do PSB, Luiza Erundina, foi prefeita de São Paulo, entre 1989 e 1992 pelo PT. Também foi vereadora, deputada estadual e federal. Erundina esteve em quarto lugar nas pesquisas de intenção de voto e registrou o menor número de ocorrências no Jornal da Manhã, de acordo com nossa contagem. Além disso, em todo período de análise não houve nenhum comentário a respeito de Luiza Erundina.

No período de análise, ouvimos a voz de Erundina apenas cinco vezes, em dias que houve reportagens com a fala da candidata. Durante as 20 edições analisadas, também não foi citada em nenhuma manchete de destaque no Jornal da Manhã.

A maioria das notícias a respeito de Luiza Erundina versava sobre sua agenda, conforme podemos observar nas seguintes notas: *"Candidata do PSB Luiza Erundina deixa São Paulo e viaja para Brasília nesta quarta-feira, onde retoma os trabalhos"*

como deputada na Câmara”(11/08), “A candidata Luiza Erundina do PSB tem entrevista marcada nesta manhã no jornal O Estado de São Paulo”(15/09).

Erundina teceu críticas a Marta Suplicy, conforme a reportagem do dia 13 de agosto: “Candidata do PSB à prefeitura de São Paulo Luiza Erundina assinala que o PT abusa do poder econômico, e acrescenta que há irregularidades na licitação dos lixos”, na qual censurou as licitações para serviços da administração petista com a frase “então veja bem a questão do lixo, que é licitação fraudulenta, ilegal, que compromete um serviço essencial por 40 anos”.

A candidata, que teve dificuldades em arrecadar recursos para sua campanha e condenou as campanhas eleitorais de alto custo, como podemos observar na reportagem do dia 12 de agosto “ *Luiza Erundina (...) diz que campanhas ricas causam constrangimento e o processo eleitoral fica comprometido*”. Sua fala continuou “o processo eleitoral fica comprometido com o excesso de abuso da máquina e do poder econômico de alguns candidatos que estão disputando as eleições”, numa evidente censura à candidata situacionista. Hoje, após os escândalos do sistema de arrecadação do PT, sabemos que a candidata estava certa.

3. O PT nas eleições municipais

O PT ocupou grande espaço de notícias no Jornal da Manhã. Durante os 20 dias de nossa amostra, o PT apareceu em todos, quer seja em manchetes de destaque, ou mesmo citado de modo implícito nas notícias sobre a candidata petista Marta Suplicy.

Uma nota no dia 12 de julho veiculada pelo Jornal da Manhã transmite a preocupação do então presidente do partido, José Genoíno, com relação aos candidatos petistas. A nota informa que Genoíno vai ao Rio de Janeiro instruir os candidatos do partido sobre as realizações do governo, pois informados “terão como defender o governo dos ataques durante a campanha”. A indicação de Genoíno era priorizar as questões municipais.

Contudo, no mesmo dia Fernando José comentou o desgaste do PT, afirmando que o partido entra nessa eleição sem a sua principal marca, a marca da eficiência da administração e da diferença que marcaria o modo petista de governar, a “principal bandeira do partido” em outros tempos. O comentarista explica que sua principal característica, a garantia de uma administração realmente voltada para os problemas da

cidade onde a “politicagem” contava pouco, foi perdida devido às alianças com o PTB, que já foi a maior força de Fernando Collor de Melo, ao PP de Paulo Maluf, ao PL dos evangélicos. Fernando José argumenta que hoje o PT é um partido igual aos outros:

“Na eleição em que Fernando Henrique perdeu para Jânio Quadros a prefeitura de São Paulo, o PT poderia ter se aliado FHC e assim ter decidido a eleição em favor de Fernando Henrique, além de conseguir espaço dentro da administração, preferiu continuar sozinho no páreo com o candidato Eduardo Suplicy. Naquela época era preciso manter a coerência e a imagem do partido, mas hoje tudo isso está mudado.”

O Partido dos Trabalhadores foi alvo de censuras e denúncias e estas foram veiculadas pelo Jornal da Manhã. Nos primeiros dias de nossa amostra, o PT era acusado de privilegiar as prefeituras de seu partido e as aliadas. “92% dos financiamentos do BNDES foram para prefeituras do PT” (12/07). No mesmo dia, José Nêumane Pinto comentou a notícia:

“O PT radical não é radical na ética, é radical na antiética, na confirmação dos velhos vícios da estrutura semifeudal, patrimonialista do Estado brasileiro. Depois que assumiu o poder, o partido dito dos trabalhadores que na oposição batalhou contra esse tipo de vício da administração pública brasileira mostrou que aprendeu a praticá-los e aprendeu mais que seus adversários a exacerbar nesses vícios. Essa notícia é um absurdo espero que você meu caro ouvinte se indigne com ela, se revolte com ela, porque é de revoltar mesmo”.

Nêumane seguia em tom irônico, “Mateus primeiro os Meus” e que o PT não foge a essa regra, pois, de acordo com ele, o que não falta no PT é cinismo.

Essa não foi a única denúncia que assolou o Partido dos Trabalhadores no pleito. No dia 13 de julho, o Jornal da Manhã emitiu a nota: “Vice-governador Cláudio Lembo do PFL acusa o PT de usar o secretário da ONU para promover Marta Suplicy”. A censura se refere a participação de Koffi Anan, secretário da ONU, em inauguração de obras da prefeitura de São Paulo. O vice-governador do PFL ainda acusa o PT de utilizar a máquina administrativa para promover a campanha de Marta.

Em agosto de 2004, o alvo de denúncias foi o então tesoureiro do partido Delúbio Soares, acusado de ter adquirido três propriedades rurais no total de 32 alqueires em nome de seu pai. De acordo com o boletim transmitido por Patric Santos no Jornal da Manhã em 10 de agosto, o PT se prontificou em defender seu tesoureiro. Em 2005, Delúbio Soares pediu afastamento do cargo de tesoureiro do partido devido a uma série de denúncias de corrupção.

O partido dos Trabalhadores também foi acusado de privilegiar os estados que governa: “Estados governados pelo Partido dos Trabalhadores recebem mais verbas

federais” (09/08). A informação é de que Acre e Piauí foram os estados que receberam mais recursos em relação a sua população. São Paulo, governado pelo PSDB teve índice de 26 centavos por habitante, superando apenas o Maranhão e o Rio de Janeiro, com média de 8 centavos cada.

Na eleição da capital paulistana, José Genoíno esteve a postos para auxiliar Marta Suplicy em sua campanha. “Presidente do PT José Genoíno defende Marta Suplicy e diz que tucanos estão ficando desesperados” coloca a nota de 13 de julho. O então presidente do partido fez referência ao comício de José Serra, no qual a figura da prefeita foi alvo de ofensas pessoais. Os ataques foram feitos pelo deputado estadual Celino Cardoso ao afirmar que “a cidade tem de se livrar de Marta Suplicy” e que “ela parece uma menininha que só pensa em viajar e namorar deixando a cidade de lado”. Diante das críticas, Genoíno afirmou que os tucanos estão “desesperados” e “perdendo a cabeça”.

O JM noticia que as eleições municipais, principalmente a de São Paulo, eram centrais para o Partido dos Trabalhadores. De acordo com a reportagem emitida direto de Brasília pelo em 14 de julho pela repórter Luciana Verdolin, a reeleição de Marta Suplicy é a “prioridade das prioridades” para o partido que também demonstrava confiança em manter o controle de outras oito prefeituras do país.

Certamente o pleito em São Paulo era questão de honra para o PT, mas Carlos Chagas emitiu um comentário em 17 de setembro sobre as previsões para o PT, em 2006, diante da hipótese do partido perder a eleição na capital paulista. De acordo com ele, nem a reeleição do presidente Lula em 2006 depende de forma essencial da preservação da prefeitura paulistana, nem os tucanos estarão decolando vitoriosamente para reconquistar o poder no caso de uma suposta vitória de José Serra:

“Um novo mandato para o presidente Lula dependerá essencialmente do comportamento da economia e do sucesso dos programas sociais. Voltando o desenvolvimento, assim como gradativamente começando a se abrir os tais 10 milhões de empregos prometidos, estará pavimentada a avenida para o PT permanecer no governo por mais um mandato”.

Considerações Finais

As eleições municipais de 2004 ganharam amplo destaque no Jornal da Manhã. O veículo explorou a interatividade com o ouvinte, principalmente através de suas enquêtes e nos momentos de abertura à palavra dos ouvintes, algo que não pudemos explorar neste artigo.

Com relação aos candidatos, o Jornal da Manhã procurou equilibrar as notícias nas editorias. Marta Suplicy obteve mais destaque (sempre lembrando que os números não informam exatamente o espaço dedicado ao candidato, pois não foi medido o tempo), isto porque estava à frente da prefeitura, no entanto não aparecem suas propostas para um segundo mandato, ganhando uma imagem associada à futilidade e ao destempero. Aparecem todas as críticas a sua gestão feitas pelos seus adversários ou na forma de estudos elaborados por instituições, nessas falas esta administração não é bem avaliada, afinal o PT em São Paulo “não vai legar um município em melhores condições do que o recebeu para seu sucessor”. Um paradoxo é que a gestão de Marta é bem avaliada nas pesquisas de opinião, algo que o JM cita, mas não explica. O Pt recebe denúncias de beneficiar os prefeitos e governos do partido.

José Serra ganha uma imagem de candidato sério, responsável e muito tranquilo, pois não se envolve em agressões, suas propostas para seu governo são veiculadas. Paulo Maluf obtém tanto destaque quanto Serra, no entanto, grande parte das notas se refere às denúncias de suas contas em paraísos fiscais.

Para finalizar é preciso apontar que as notícias neste programa não foram contextualizadas, as notas são repetidas ao longo da programação, mas não ganham uma abordagem mais aprofundada. No que se refere às notícias da eleição prioriza-se a fala emotiva ou polêmica dos candidatos. Os comentaristas surgem para fornecer esta contextualização às matérias, no entanto, aqui temos o reino da subjetividade e não o da informação.

Bibliografia:

- FARIA, Álvaro Alves de. *Jovem Pan: a voz do rádio*. São Paulo: Rg Editores, 2002.
- JUNG, Milton. *Jornalismo no rádio*. São Paulo. Editora Contexto 2004
- LIMA, Venício de. *Mídia, Teoria e Política*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2ed. 2004.
- MEDITSCH, Eduardo. *O Rádio na era da informação*. Teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis. Editora Insular, 2001
- PORCHAT, Maria Elisa. *Manual de Radiojornalismo Jovem Pan*. São Paulo: Editora Ática. 1993.